



## **Trajatórias Juvenis nas Ondas da Rádio Escola<sup>1</sup>**

Alessandra Oliveira Araújo<sup>2</sup>  
Universidade de Fortaleza, Unifor

### **Resumo**

O texto analisa a experiência de nove jovens, moradores de bairros da periferia de Fortaleza, que falam de suas experiências no trabalho infantil durante um disco debate, programa radiofônico em que um debate é iniciado por meio da letra de uma música, produzido durante a formação em rádio escola desenvolvida pela ONG Catavento Comunicação e Educação, em 2005 e 2006. É discutido como as ONGs podem contribuir para o silenciamento dos jovens ao reproduzir o discurso de que “com o trabalho infantil, a infância desaparece”, negando, assim, uma fase suas vidas. Além de mostrar, durante a gravação do disco debate, como a narração das histórias que viveram no trabalho infantil contribuiu para o reconhecimento do sentimento de grupo, das estratégias de sobrevivência e para a descoberta da solidariedade por esses jovens.

### **Palavras-chave**

Comunicação; educação; rádio escola; trabalho infantil; juventude.

### **1. A participação em rede na conquista do direito de crianças e adolescentes à comunicação**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi criado em 1990 a partir de uma grande mobilização de diversos movimentos sociais e ONG's. As movimentações anteriores à criação do Estatuto, reuniram cerca de duzentas mil assinaturas de eleitores e um milhão e duzentas mil assinaturas de crianças e adolescentes que pediam que fosse incluído no texto da Constituição Federal (CF) de 1988 o “primeiro artigo especificamente voltado para a criança como prioridade absoluta na história constitucional do Brasil” (DANZIATO, 1998, p.66).

Como resultado, foi incorporado o artigo 227 à CF que deveria ser regulamentado por lei ordinária. O Ceará participou ativamente do movimento pro criação do Estatuto, com papel destacado para a Pastoral do Menor, o Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança (NUCEPEC) e o Movimento Nacional dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, Unifor. Mestre em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC, membro do Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas – DIAFHNA – CNPq. e-mail: alessandraoliveira@unifor.br.



Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Até que, em 13 de julho de 1990, o ECA foi aprovado pela Lei nº. 8.069.

Depois de sua implantação, muitas ONG's foram criadas ou mudaram seu foco para a garantia dos direitos presentes no Estatuto. A participação social, inclusive de crianças e adolescentes, na criação dos seus artigos, torna o ECA a materialização do sonho de um mundo mais justo, menos punitivo, em que as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos.

A atuação em rede unificou as lutas de movimentos sociais e ONG's, “o local, os problemas particulares se universalizam” (WERREN, 1999, p. 68) e tornou possível a criação do Estatuto. Mas a efetivação dos direitos previstos no ECA precisaria de uma articulação contínua das redes, o que culminou na criação de fóruns como o Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA).

A idéia de rede implica admitir a complexidade do social, composto de setores e agrupamentos sociais heterogêneos, campos de múltiplas contradições, diversidades e discursos plurais, em que opera não apenas a lógica do conflito, mas também da cooperação e da solidariedade (WERREN, 1999, p.51).

A forma como se organizam em redes, que garantiram várias conquistas sociais como a criação do ECA, traz a necessidade do diálogo para a construção de lutas comuns. Também a rotina de avaliação interna e em rede das instituições propicia a participação de jovens que podem questionar, que podem propor.

Durante a avaliação da campanha dos 18 anos do ECA, realizada pelo Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA) em julho de 2008, um jovem questionou que foi convidado para participar da passeata do dia 13 de julho, mas não para o planejamento da campanha<sup>3</sup>. Sua reivindicação representa uma demanda de participação de jovens organizados em rede para discutir o orçamento municipal destinado para as crianças e os adolescentes de Fortaleza, a Rede Orçamento e Participação Ativa (Rede OPA).

A organização dos jovens da Rede OPA fortalece suas falas, já que “o fortalecimento da sociedade civil (empowerment) está associado à capacidade dos sujeitos sociais de se articularem” (WERREN, 1999, p.83), de formarem redes.

Os questionamentos debatidos na avaliação da campanha dos 18 anos do ECA representam um movimento contínuo da atuação em rede. A heterogeneidade dos seus

---

<sup>3</sup> Informação concedida pela representante da ONG Catavento Comunicação e Educação no Fórum DCA.



sujeitos, dos seus grupos, torna o conflito uma constante por fazer parte de sua dinâmica dialógica e também do seu princípio comum que é o reconhecimento das diversidades e a luta por um mundo em que todos sejam ouvidos.

O ECA traz a discussão da importância das falas dos jovens, da expressão; fala das crianças e dos adolescentes como sujeitos que têm direito de serem ouvidos e podem, assim, representar seus sonhos e começar a construir suas trajetórias ao prever, em seu artigo dezesseis, o direito de toda criança e adolescente à liberdade de ir e vir, de opinião e expressão, de crença, de brincar e de divertir-se, de buscar ajuda e de participar da vida familiar, da convivência comunitária e da política, na forma da lei.

O direito de ser ouvido passa pelo direito de ser, de transformar-se e de modificar a sociedade. Também passa pelo direito à comunicação, a questionar, inclusive, o próprio Estatuto. Mas, diante da dificuldade das ONG's e fóruns na luta pela efetivação do ECA, pode surgir o receio de que, ao questioná-lo, estaríamos enfraquecendo-o.

## **2. Com o trabalho infantil, a infância desaparece?**

Na intenção de disseminar os direitos das crianças e dos adolescentes e contribuir para a sua garantia, o ECA passou a ser conteúdo de muitas oficinas desenvolvidas pelas ONG's, mas, muitas vezes, o Estatuto é apenas transmitido, sem que se tenha um maior espaço para a sua problematização. Transmitir o ECA como verdade absoluta, sem espaço para que os jovens façam uma leitura crítica de sua mensagem e relacionem os artigos com os seus contextos, é como negar sua própria concepção, que se deu a partir de um processo participativo.

Se o ECA foi criado de uma forma dialógica, as práticas educativas das ONG's que lutaram pela sua criação ou surgiram como consequência dessa conquista social também devem ser dialógicas.

Campanhas de fóruns de garantia dos direitos, que trazem *slogans* como: “com o trabalho infantil, a infância desaparece”<sup>4</sup>, negam as possibilidades desses meninos e meninas falarem de suas experiências e perceberem como foram formadoras em suas vidas. É como uma negação da memória, como um tempo que deve ser esquecido porque não existiu, porque foi “roubado”.

---

<sup>4</sup> *Slogan* da campanha estadual contra o trabalho infantil realizada, em 2007, pelo Fórum Estadual pela Erradicação do Trabalho Infantil e pela Proteção do Trabalhador Adolescente no Ceará.



A reprodução do discurso, que deve ser repetido e não problematizado pelos jovens, de que o trabalho infantil é danoso ao seu desenvolvimento, acaba gerando silenciamentos ou a sua mera reprodução. Falas como “trabalho infantil é crime”, “é melhor tá aqui do que na rua”, “quando eu entrei na ONG minha vida mudou”... são reproduzidas por crianças e adolescentes sem que estejam, na verdade, dizendo a sua palavra.

Martín-Barbero (2002) explica que impedir de falar a sua palavra é impedir de construir o seu mundo e a si próprio. É no diálogo que nos formamos, que construímos nossa ideia de mundo e que descobrimos quem somos. "Dialogar es descubrir en la trama de nuestro propio ser la presencia de los lazos sociales que nos sostienen" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.35).

O que fazem as ONG's quando escolhem um discurso como o detentor da verdade para o benefício dos próprios jovens? O que sentem os pais ao ouvir que trabalho infantil é crime e que quem é beneficiado com esse trabalho é um “explorador”? Será que os jovens dariam uma versão diferente se não se sentissem pressionados a reproduzir o discurso “legalista” adotado por muitas ONGs? Quais histórias revelariam esses jovens?

Magda Soares analisa que quando o educando prevê que seu discurso não será aceito uma das possíveis consequências dessa não aceitabilidade é o silenciamento desses educandos:

Em situações socialmente assimétricas de interação verbal, o falante, antecipando uma não-aceitabilidade de seu discurso, tende a autocensurar-se: o silêncio (que, na verdade, é um silenciamento) ou o uso reticente e lacônico da língua são indicadores de censura prévia a que ele submete seu desejo ou direito de expressar-se (1986, p.58).

Neste artigo, vamos analisar como a comunicação pode contribuir para que a fala de jovens que entraram no trabalho infantil precocemente sejam ouvidas, como a rádio escola pode contribuir para a ampliação do diálogo nas ONGs e qual a importância dos jovens darem suas versões desta etapa de suas vidas sem a influência do discurso que reproduz que “com o trabalho infantil, a infância desaparece”.

Segundo Delory-Momberger, ao contar uma história, estamos recriando-a, a memória é matéria viva, em constante transformação. Ao falar sobre nossas experiências, elas estão tornando-se formadoras, porque estão nos ensinando que sobrevivemos a elas.



Longe de ser fixada em uma forma única que lhe daria um passado objetivo e definitivamente fixo, a narrativa é uma matéria instável, transitória, *viva*, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se anuncia (...) Não é tanto a história da vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto (2006, p.362).

Josso (2004) fala que ao narrarmos nossas histórias, podemos compreender como as experiências foram formadoras para nossas vidas e esta compreensão nos possibilita construir projetos de futuro mais conscientes, mais ousados. Campanhas publicitárias como a citada acima e práticas educativas que reforçam discursos sem problematizá-los inibem as falas de jovens que viveram o trabalho infantil e, nem sempre, tem histórias tristes para contar.

A sociabilidade construída na rua, as vantagens de ter dinheiro com uma renda familiar tão enxuta, as estratégias de sobrevivência construídas no período do trabalho são temas evitados por jovens que participam de projetos sociais como pude constatar durante uma formação em rádio escola desenvolvida pela Catavento Comunicação e Educação na Associação Curumins<sup>5</sup> com jovens moradores do Mucuripe, Castelo Encantado e Serviluz (região da Praia do Futuro), que participavam do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)<sup>6</sup>.

### **3. A rádio escola e descoberta das histórias juvenis**

A formação em rádio escola desenvolvida na Associação Curumins em 2005 e 2006 foi de responsabilidade da Catavento Comunicação e Educação que também instalou os equipamentos e as caixas de som para que a rádio funcionasse em circuito interno.

Desde de 2004 a Catavento desenvolve o projeto Segura essa Onda: o rádio na formação sociocultural da aprendizagem, que consiste na instalação dos equipamentos e numa formação em rádio que engloba a leitura crítica dos meios de comunicação, o ensino de técnicas radiofônicas e princípios como o trabalho em grupo, a educação

---

<sup>5</sup> O projeto de rádio escola, Segura essa Onda, foi desenvolvido pela ONG Catavento Comunicação e Educação na sede Associação Curumins, Organização Não Governamental que desenvolve atividades com crianças e adolescentes que estavam trabalhando, firmando uma parceria entre as duas instituições.

<sup>6</sup> Programa do Governo Federal que tem como objetivo retirar crianças e adolescentes do trabalho danoso ao seu desenvolvimento.



contextualizada, a participação e a democratização da comunicação e das práticas educativas.

Em 2005, a ONG Catavento ganhou um edital da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que gerencia os recursos adquiridos pela campanha Criança Esperança, desenvolvida pela Rede Globo para financiar projetos sociais para crianças e adolescentes do Brasil. Como um dos requisitos do edital era que os projetos contribuíssem para a erradicação do trabalho infantil, as duas rádio escolas previstas na nova experiência do Segura Essa Onda seriam instaladas em instituições de ensino que atendessem crianças e adolescentes que estivessem na jornada ampliada<sup>7</sup> do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

Como a Associação Curumins já era uma ONG parceira da Catavento por participar dos mesmos fóruns de garantia dos direitos das crianças e adolescentes e pela Curumins ser uma instituição conveniada ao PETI para desenvolver as atividades da jornada ampliada, a Catavento resolveu instalar uma das rádio escolas financiadas pela UNESCO em sua sede, no bairro Mucuripe, localizado na periferia de Fortaleza.

O trabalho infantil, dessa forma, era o principal conteúdo transversal da formação. Além dos objetivos que se repetiam em todas as experiências de rádio escola desenvolvidas pela Catavento como: ampliar o diálogo entre a instituição de ensino, os educadores e educandos e a ampliação da participação juvenil por meio da comunicação, foi incorporada nesta formação o objetivo de fazer um trabalho reflexivo sobre as experiências dos jovens que entraram no trabalho precocemente.

Mas, durante a formação em rádio escola, pude observar que o trabalho infantil, apesar de ser uma experiência recente e de ter acontecido durante boa parte da infância e da adolescência da maioria dos jovens que participavam das oficinas, não era citado em nenhuma das produções dos programas de rádio. Quando estimulados a tocar no assunto, os jovens evitavam entrar em detalhes e sempre repetiam que “criança tem que brincar” e que “trabalho infantil é crime”, sem entrar em detalhes, sem contar qualquer história que tivesse uma relação com suas vivências.

Com o sentimento de grupo que foi sendo criado ao longo da formação, que durou um ano, com a troca de confiança entre nós e com a possibilidade de escolherem os temas que quisessem para os programas de rádio que começaram a desenvolver e veicular em circuito interno na instituição de ensino em que participavam, os jovens

---

<sup>7</sup> A jornada ampliada é uma ação complementar à escola que deve ser desenvolvida no contra-turno do educando por uma instituição conveniada ao PETI.



começaram a falar sobre sua relação com o trabalho infantil com outros olhares, revelando o que existia por trás do discurso repetido de que com o trabalho infantil a infância desaparece.

A temática começou a aparecer em algumas produções como o rádio teatro<sup>8</sup> que conta a história de um menino que vendia queijo na praia e foi convidado pelos educadores da Associação Curumins a deixar de trabalhar e passar a frequentar as oficinas da jornada ampliada do PETI, situação vivenciada pela maioria dos jovens que participaram da formação. Mas foi na gravação do disco debate que as histórias ganharam vida, nomes, espaços, cores e sentimentos.

#### **4. Disco debate sobre trabalho infantil**

Uma das últimas produções da turma de vinte e nove jovens comunicadores da região da Praia do Futuro foi o disco debate. “O disco-debate é um debate, mas fazendo a discussão a partir de uma canção” explica uma das jovens na abertura do programa que abordou a questão do trabalho infantil a partir da música “Leve a sério” da Banda de Lata de Todas as Cores<sup>9</sup>, composta por um educador da Associação Curumins e cantada pelos mesmos jovens do grupo de rádio escola.

A música tem uma forte relação com a juventude, é um elemento de identidade entre os grupos, mas, muitas vezes, as suas mensagens não são discutidas entre os jovens. Discutir o conteúdo de uma música é uma forma de problematizar seus conteúdos, de estimular a reflexão das letras que cantarolamos sem nos darmos conta das mensagens que estamos disseminando.

É comum ouvirmos frases como: “eu nunca reparei que essa música falava isso” durante o debate do conteúdo de uma música escolhida pelos próprios jovens. Possibilitar essa discussão é uma forma de problematizar o cotidiano deles, os momentos de lazer e as formas de sociabilidade.

A música escolhida “Leve a sério”, fala sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, o trabalho infantil, a necessidade de brincar e dos adultos ouvirem o que os jovens têm a dizer. Mas, assim como nos outros disco debates, os jovens nunca tinham discutido a da letra música, apesar de cantarem e dançarem nos ensaios e durante os espetáculos organizados pela Associação Curumins.

---

<sup>8</sup> História com começo, meio e fim encenada para o rádio.

<sup>9</sup> A Banda de Lata é uma ação desenvolvida pela Associação Curumins, desde 2000, com crianças e adolescentes que passaram pelo trabalho.



O trabalho infantil não era um tema abordado livremente pelos jovens, mas, durante o disco debate, a impressão que tive foi a de que eles resolveram “jogar” tudo o que viveram, relatar as histórias, os sentimentos, os medos...

O grupo, naquele dia, estava reduzido, apenas nove comunicadores dos vinte e nove que participavam da formação estavam presentes. Isso porque tinha sido formado um “núcleo gestor” com esses nove jovens que estavam dispostos a fazer parte da organização da rádio escola depois da saída da Catavento e que foram eleitos como representantes da turma pelos próprios colegas.

Avalio que o número reduzido de pessoas, as relações de afetividade e confiança que foram construídas ao longo da formação e a proximidade que tinham com a música foram fatores importantes que propiciaram a narração das experiências desses jovens no trabalho infantil. Também o acordo que fizemos antes do início da gravação de que o programa não seria veiculado na instituição de ensino em que estavam, demonstrando a necessidade de ampliação do diálogo entre os jovens e a ONG.

Apesar do disco debate ser uma técnica radiofônica, já existia a intencionalidade de utilizar esse material como instrumento de pesquisa que possibilitasse a discussão de um momento da vida dos jovens que vinha sendo negado ou escondido. Também existia a intencionalidade de ser um procedimento de formação desses jovens para que, a partir da narração de suas histórias, pudessem compreender a importância que elas tinham e começar a construir um projeto consciente de futuro.

A concepção de comunicador dialoga com a de narrador que é “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.198). Quando desenvolvemos um processo de formação de comunicadores, estamos propondo que eles passem a contar, ouvir e recontar experiências que, notamos em todas as formações, são suas ou de outros que ajudam a contar ou a entender as suas. A comunicação propicia a alteridade, quando nos olhamos de fora e percebemos quem somos.

Apesar de existir uma ansiedade por discutir o trabalho infantil por parte da mediação das oficinas, a escolha da música foi feita pelos próprios jovens, a única orientação que passei foi a de que eles escolhessem alguma música que tivesse relação com as suas vidas, que representasse uma identificação entre eles. A música escolhida falava sobre trabalho infantil, demonstrando o interesse dos jovens em falar sobre esse momento de suas vidas que antes era evitado.

Leve a sério



Quando eu estiver brincando  
Sou criança e sei  
Sei do que estou falando

Trabalho não é brincadeira  
Só gente grande deve trabalhar  
Sou criança  
É tempo de escola é tempo de brincar  
(Trecho da música Leve a sério)

Um silêncio incômodo invadiu a sala depois de ouvirmos a música, até que uma jovem falou: “eu vou começar, galera”.

### **Relatos e socialização**

Logo no início do disco debate, podemos perceber que todos queriam contar uma mesma experiência: “Eu trabalhei de tudo. Eu trabalhei vendendo coco, queijo, cocada, tapioca, coxinha”, começa uma garota. Depois, os outros completam: “eu vendia queijo, vendia coco na praia, vendia ovo de codorna, água mineral”; “eu trabalhei de vender piaba, peixe... e o que mais gente? De vender ovo de codorna e casquerava no lixo”. A gargalhada do grupo não intimidou o garoto que explicava para mim que “casquerar” era “catar lixo, papelão, garrafa, tudo aquilo que a gente recicla”.

Depois, com as falas das pessoas do grupo, notei que a gargalhada era por eu não conhecer o termo “carquestar”, tão comum para eles, e não por causa do depoimento do garoto. “No dia em que fui “casquerar”, eu o Bibita, o carro caiu por cima dele, aí o homem tirou ele lá de baixo e deu dois reais pra ele, me deu um biscoito e ainda deu um biscoito pra ele”, conta uma menina sobre um dia que o carro de material reciclável virou e deixou seu amigo encoberto de papelão. A história é relatada como se tivesse vivido uma aventura. “Teve um dia que eu achei cinquenta reais de moeda num lixo perto dum parquinho”, conta outra menina como se tivesse descoberto um tesouro perdido.

As falas representavam uma imagem diferente da transmitida pelo mesmo grupo de jovens que repetiam que o trabalho infantil acabava com a vida da criança. As dificuldades, as dores, alegrias e a solidariedade que aprenderam na rua como um espaço de sociabilidade compunham relatos de uma experiência que descobriam ser formadora naquele momento. “Quanto maior a ausência do Estado, no que se refere à oferta de equipamentos destinados à participação, à cultura e ao lazer juvenil, tanto mais



a rua adquire relevância em suas dimensões socializadoras” (DAMASCENO, 2001, p.10).

Durante a avaliação do disco-debate, muitos confessaram que falaram “coisas que nunca tinham falado pra ninguém”, nem para eles mesmos. Através da narração, a experiência vai tomando forma, vamos fazendo relações, criando pontes, entendendo suas consequências.

É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos argumentos entre um começo e um fim e os atrai para a conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.363).

As transações entre as experiências, os significados e os sentimentos que emergem durante a narrativa criam elementos de identificação. “A posição de ouvinte, ou melhor, de ator-ouvinte, vai gerar um trabalho interior de comparação por identificação e diferenciação da sua história com a narração ouvida” (JOSSO, 2004, p.149). As identificações que surgem ao ouvir os relatos dos outros dão forma ao seu.

Antes do início do disco debate, um garoto antecipou que “nunca trabalhei em nada”, para justificar que seria “apenas” ouvinte. Mas as falas dos colegas e a confiança que os outros jovens estavam depositando no grupo ao falar de suas vidas fizeram que o garoto sentisse necessidade de contar também sua história e fosse o primeiro a falar que “casquerava lixo”, como contamos acima.

As transações entre as narrativas possibilitaram que as falas de uns modelassem ao mesmo tempo em que eram modeladas pelas falas dos outros, também resultaram numa narrativa inédita, até mesmo para eles. O relato de um jovem trazia recordações para outro que dava sua versão sobre um momento semelhante que viveu, a fala de um problematizava a do outro.

Alguns aspectos do disco debate chamaram minha atenção, entre eles a compreensão de que formavam um grupo, a forma como falavam sobre o trabalho infantil, a descoberta da solidariedade na rua e as estratégias de felicidade em meio às situações adversas.



## Grupo juvenil

Ao ouvir os relatos, podemos notar que a história de um conta a história do grupo e que uns apóiam ao mesmo tempo em que são apoiados pelas histórias uns dos outros. Por mais dolorosa que as histórias fossem, o sentimento era de alegria por compartilhá-las e por reconhecer que não estavam sozinhos, que cada um fazia parte de um grupo que o permitia ser único, “ser autônomo (...) porque ele pode perfeitamente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação” (HALL, 2001, p.48).

O trabalho, a periferia, as condições precárias de vida, os problemas familiares e o grande número de irmãos são elementos comuns entre esses jovens. As dificuldades, angústias e medos eram compartilhados.

Todos nós passamos por necessidade. Eu ficava em cima do muro e tinha uma mulher vizinha lá de casa que assava cada pedaço de galinha. Aí ela dizia assim: “vou levar pra minha cachorra comer”. Aí levava, né. Aí teve um dia que eu tava lá em cima do muro só olhando pras comidas e a mulher me viu e eu falei assim: “tem alguma coisa pra eu comer que hoje ainda não comi nada” e ela jogou cada pedaço de bolo (relato de uma jovem durante o disco-debate sobre trabalho infantil, gravado em 2006).

Os relatos de fome foram compartilhados por todos os jovens que participaram do disco debate. “Quando o dinheiro do PETI atrasa, a gente passa fome”, disse uma garota, e a sua irmã refletiu que existia algo que para ela doía mais: “lá em casa o que mais me doía quando a gente não tinha nada para comer de manhã era minha mãe. Ela se desesperava. Ela chorava”.

A fala das jovens questiona o discurso das ONGs que afirmam que, ao colocar seus filhos para trabalhar, os pais estão os explorando. Não existiam traços da figura de um explorador na mãe descrita pelas duas irmãs.

O período da manhã era especialmente crítico para esse grupo. O dinheiro que apuravam no trabalho era pago a cada dia, dependendo da produção ou da sorte de cada um e o café da manhã era uma das refeições mais incertas para esses jovens.

As estratégias de sobrevivência também eram compartilhadas por esse grupo. Todos sabiam como deixar o material reciclável que catavam mais pesado colocando pedras nas latas de alumínio e amassando para que não caíssem no percurso. Mas as estratégias de sobrevivência também eram marcadas pela solidariedade.

Parece que são exatamente essas adversidades que tornam o sentimento de grupo mais forte. A característica itinerante, transitória, do trabalho os faz habitantes da



cidade, mais do que dos bairros. Por mais que morem todos da região da Praia do Futuro, é a cidade, são as periferias, os espaços de trabalho e trânsito que constituem os “seus” locais. Para fixar suas histórias, a principal estratégia é construir territórios subjetivos alicerçados pelo encontro de amigos, parceiros, e pela solidariedade.

### **Solidariedade**

Durante os relatos, uma garota falou da descoberta da solidariedade na rua e da alegria que sentia sempre que chegava a hora do almoço e sabia que tinha um prato de comida lhe esperando. “Teve um dia que eu ia passando aí uma mulher falou: ei menina, toda vida que você tiver catando lixo, você pode vir aqui em casa que você almoça”, fala a jovem durante o disco debate.

As narrativas descreveram várias situações de troca de mantimentos entre amigos, entre vizinhos. Da ajuda do padeiro que “conhecia a história” da família de uma das jovens e doava pães e leite sempre que não tinham dinheiro para tomar café da manhã, até a contribuição do dono da farmácia.

Para Freire, a solidariedade não é ter “pena”, mas ter amor pelo outro, “quando o gesto deixa de ser piegas, sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor” (1983, p.38). É nesse ato de amor que reconheço que a vida é uma trama, que tudo está relacionado, que “não sou se você não é” (FREIRE, 1992, p.100). Por isso, a busca de um mundo melhor não pode ser uma realização individual. Qual o sentido em ser feliz sozinho? “A utopia juvenil é repleta de solidariedade, uma parcela considerável põe em relevo que se o jovem quer um país melhor não deve olhar só para si” (DAMASCENO, 2001, p.16).

Esses jovens descobriram que, muitas vezes, precisamos abrir mão de desejos, de sonhos, em busca de uma realização coletiva. A solidariedade é um ato de amor e uma estratégia de sobrevivência que foi aprendida por meio de experiências formadoras como a descrita por esta jovem:

No tempo que eu tava trabalhando na praia, todo dinheiro que eu ganhava dos meus fregueses eu guardava. Porque eu tinha uns oito anos e o meu sonho era fazer um aniversário, que eu nunca tinha uma festa. Eu pensava em bolo e num monte de coisas e guardava, né. Aí, um dia, minha mãe tava com precisão e eu falei assim: “mãe eu tenho dinheiro”. E ela falou: “menina, tu tem dinheiro e tá vendo que todo mundo tá com fome”. Ai eu expliquei que era pra fazer uma coisa muito importante que era meu aniversário, mas eu dei. Já tinha uns cinquenta reais. Ela pegou e fez umas compras, tudo de comida (relato



de uma jovem durante o disco-debate sobre trabalho infantil, gravado em 2006).

### **Trabalho e felicidade**

Mesmo diante de todas situações adversas que relataram, o clima do debate foi de descontração. Os sorrisos mostravam tanto a satisfação de contarem suas histórias, quanto a forma que encontraram de buscar a felicidade mesmo quando todos veriam sofrimento.

Depois de cada dificuldade que passaram, expressavam satisfação ao falar como elas estão sendo ultrapassadas. Os relatos de fome sucederam os de solidariedade e os de cansaço por causa da jornada de trabalho que enfrentavam terminavam nas “aventuras” que passaram ou nos amigos que fizeram durante o período.

Josso (2004) fala que a busca da felicidade é “espontânea”, nascemos com ela e, por isso, orienta nossa vida e está intimamente ligada à busca de sentido e à busca de nós mesmos. Como somos seres inacabados, em constante movimento, a felicidade é experimentada e não permanente. O desejo de reviver o momento em que fomos felizes é o que torna a busca uma constante.

Quando começamos o caminho em busca da felicidade já estamos encontrando formas de experimentá-la no presente. A forma como encaramos nossos desafios, a solidariedade e o amor ao outro e a nós mesmos são caminhos e, ao mesmo tempo, formas de sermos felizes.

O trabalho infantil foi uma experiência difícil, dolorosa, mas que lições tiro dela? Negar esse tempo, essa infância que foi vivida, mesmo que de outras formas, é negar o potencial formador de refletir sobre o vivido. A solidariedade, as estratégias de sobrevivência, a opção pelo olhar da felicidade, mesmo nos momentos mais difíceis, mostra a vocação ontológica desses jovens de “serem mais”. Porque “não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado” (FREIRE, 1992, p.91).

Para que esses jovens percebessem que existe algo além, que podem “ser mais”, que podem construir uma trajetória inédita, mas viável, é preciso reconhecer seu contexto, desvendar as situações de opressão, perceber como sobreviveram às experiências e usar esse conhecimento a seu favor.

## **5. O papel das ONGs**



Ao falarem de suas experiências no trabalho infantil os jovens deram uma nova versão, diferente da reproduzida no início da formação em rádio escola, sobre o trabalho infantil. As narrativas mostraram como é possível superar as situações adversas, também mostraram que os problemas são mais complexos, que não basta culpar o pai ou a mãe por “colocar” o filho para trabalhar, mas que existem soluções possíveis como as encontradas por esse grupo de jovens.

A formação em rádio escola é uma experiência que possibilita a fala e escuta de jovens que irão passar a questionar seu contexto, suas vidas e a instituição de ensino em que estão inseridos.

É papel das ONGs estar aberta para o diálogo, para a fala de jovens que, depois de descobrir que podem ser comunicadores, não mais irão aceitar ser apenas espectadores. O questionamento, o debate, o diálogo, são princípios da Educação Popular que teve sua expansão em paralelo com o crescimento das ONG’s e que vem fundamentando suas práticas educativas.

Mas como questionar o ECA se ele nem foi aplicado de forma integral? Debater sobre seus artigos não seria uma forma de enfraquecê-los? Paulo Freire diz que negar o debate é negar a possibilidade de participação, de permitir que a pessoa seja parte da transformação proposta pelo Estatuto.

Quer dizer, na medida em que me fecho, me tranco, em que não expresso a alegria de ver, por exemplo, de conversar, de discutir, posso estabelecer uma fronteira no espaço afetivo entre mim e ti que te ensina a não entrares no campo meu para pedir algo, para demandar de mim um compromisso maior (FREIRE, 1985, p.28 e 29).

O papel das ONG’s não é apenas reproduzir o ECA, “colocar” seus artigos nas cabeças dos jovens, dos pais, da sociedade. É construir, juntos, esse novo mundo que só foi esboçado pelo Estatuto, é permitir o seu questionamento, a sua leitura crítica. A Educação Popular e experiências como a da rádio escola, que toma o contexto como base, que incentiva à participação e que propõe uma forte ligação entre teoria e prática, pode contribuir para a ampliação do diálogo e da comunicação nas ONG’s.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.



DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza: LCR, 2001.

DANZIATO, Octávia de Carvalho Martin. *ONG's e a prática social com adolescentes: demarcações históricas e discursivas*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1998.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, v.32, n.2: 359 - 371. São Paulo, 2006.

ESTATUTO da criança e do adolescente. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC/ACS, 2005.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*: Cadernos de Formação, n. 1, 1988.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação?* 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOSSO, Marie-Christine; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. *Experiência de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *La Educación desde de la Comunicación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 2ed. São Paulo: Ática, 1986.

WARREN, Ilse Sherer. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.